

**FACULDADE CATÓLICA DE ANAPOLIS**  
**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA**

**ROSILENE ALVES DE OLIVEIRA**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**  
**(ESTUDO DE CASO)**

**ANÁPOLIS-GO**  
**2010**

**ROSILENE ALVES DE OLIVEIRA**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA  
(ESTUDO DE CASO)**

Estudo de Caso apresentado a coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Ma. Sueli de Paula.

**ANÁPOLIS-GO  
2010**

ROSILENE ALVES DE OLIVEIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA  
(ESTUDO DE CASO)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis – GO, 02 de Outubro de 2010.

APROVADA EM: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_ NOTA \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Ma. Sueli de Paula

Orientadora

---

Ma. Maria Inácia Lopes

Convidada

---

Me. Antônio Fernandes dos Anjos

Convidado

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus pela força que me concede a cada dia para seguir sempre adiante.

Agradeço a minha família pelo amor, carinho e apoio incondicional nas horas mais difíceis.

Agradeço a meus colegas de curso, professores pela dedicação e amizade.

Por fim, meus sinceros agradecimentos à professora Sueli de Paula, orientadora deste trabalho, pelo seu carisma e dedicação que, sem dúvida, fizeram parte do meu crescimento.

Dedico este trabalho em primeiro lugar para o meu DEUS, tem me dado força para continuar os meus estudos. Dedico também ao meu esposo e filhos, que tem compreendido a minha ausência nos finais de semana.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO</b> .....	<b>9</b>
2.1. INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	10
2.1.1. Anamnese .....	10
2.1.2. Entrevista com o cliente .....	10
2.1.3. Atividades Lúdicas.....	11
2.1.4. Provas Operatórias .....	11
2.1.5. Provas Projetivas Psicopedagógicas.....	12
2.1.6. Jogo de Regra .....	12
2.1.7. A Hora do Jogo – Caixa Lúdico .....	13
2.1.8. Provas Pedagógicas .....	13
2.1.9. Entrevista com a Professora.....	14
2.1.10. Observação do Material Escolar .....	14
<b>3. ANÁLISES DOS INSTRUMENTOS</b> .....	<b>15</b>
3.1. ANAMNESE .....	15
3.2. ENTREVISTA COM O CLIENTE.....	15
3.3. ATIVIDADE LÚDICA .....	16
3.4. PROVAS OPERATÓRIAS.....	17
3.4.1. Provas de Classificação .....	17
3.4.2. Intersecção de Classe.....	17
3.4.3. Quantificação: Inclusão de Classes .....	17
3.4.4. Conservação: Quantidade de Matéria .....	18
3.4.5. Conservação de Peso .....	18
3.4.6. Conservação de Volume.....	18
3.4.7. Entrevista com a Professora.....	19
3.4.8. Observação do Material Escolar .....	19
3.5. PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICAS.....	20
3.5.1. Par Educativo .....	20
3.5.2. Eu e Meus Companheiros .....	20
3.5.3. Família Educativa .....	20
3.6. JOGO DE REGRAS .....	21
3.7. A HORA DO JOGO – CAIXA LÚDICA .....	21
3.8. PROVAS PEDAGÓGICAS .....	22

<b>3.8.1. Leitura e Interpretação.....</b>	<b>22</b>
<b>3.8.2. Ditado.....</b>	<b>23</b>
<b>3.8.3. Matemática.....</b>	<b>23</b>
<b>4. HIPÓTESE DIAGNÓSTICA.....</b>	<b>25</b>
<b>5. SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTO .....</b>	<b>26</b>
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>7. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICE A - ANAMNESE COM A MÃE.....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O CLIENTE .....</b>	<b>33</b>
<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA COM PROFESSOR.....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICE D – ATIVIDADE LÚDICA .....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE E – PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICAS.....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE F – JOGO DE REGRA .....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE G – A HORA DO JOGO .....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE H – PROVAS PEDAGÓGICAS .....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE I – PROVAS OPERATÓRIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE J – CARTA DE APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>48</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste no relato do estágio supervisionado realizado em psicopedagogia clínica referente ao curso de Psicopedagogia, cujo objetivo principal foi o diagnóstico psicopedagógico de uma criança, a qual será chamada “L.”, com 10 anos de idade e do sexo masculino.

Acerca dessa ciência, vale ressaltar que:

(...) estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, tendo, portanto, um caráter preventivo e terapêutico. Preventivamente deve atuar não só no âmbito escolar, mas alcançar a família e a comunidade, esclarecendo sobre as diferentes etapas do desenvolvimento, para que possam compreender e entender suas características evitando assim cobranças de atitudes ou pensamentos que não são próprios da idade. Terapeuticamente a psicopedagogia deve identificar, analisar, planejar, intervir através das etapas de diagnóstico e tratamento (SAMPAIO, 2007).

Nota-se que a psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades internas da aprendizagem, tomadas em conjunto, objetivando ainda estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, promovendo a igualdade entre os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos (NEVES, 1991).

Quanto ao psicopedagogo, de acordo com Sampaio (2007), é um profissional preparado para atender crianças ou adolescentes com problemas de aprendizagem, atuando na sua prevenção, diagnóstico e tratamento clínico ou institucional. Esse profissional poderá atuar em escolas por meio do diagnóstico clínico que irá identificar as causas dos problemas de aprendizagem.

Com o intuito de detectar alguns problemas dos alunos, o psicopedagogo usará algumas metodologias como: provas operatórias (Piaget), provas projetivas (desenhos), EOCA anamnese, as quais serão organizadas entre 8 a 10 sessões, sendo duas por semana com duração de 50 minutos cada. Depois disso, o diagnóstico poderá confirmar ou não as suspeitas do psicopedagogo. Por meio desses métodos, se existirem problemas, eles poderão ser identificados. Nesse caso, ele indicará um tratamento psicopedagógico, mas poderá também identificar outras situações e caso seja preciso, indicará outros especialistas como psicólogos, fonoaudiólogo, neurologista ou outro profissional para atender casos específicos.



Durante o estágio, realizado no decorrer do mês de agosto, aconteceram 10 sessões de diagnóstico, nesse período foi atendido o L., criança de 10 anos, do sexo masculino, cursando o 2º ano do ensino fundamental. Esse atendimento foi proposto, pois tanto a família quanto a escola se queixaram que o discente tem falta de concentração nas aulas.

Depois de se tomar as devidas providências diante das provas do diagnóstico operatório, chegou-se a algumas respostas levando em conta o grau de aquisição de algumas noções básicas em relação ao desenvolvimento cognitivo do aluno e isso cercará a discussão do presente estudo.

## 2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

Sabe-se que o diagnóstico psicopedagógico é essencial para detectar qualquer problema de aprendizagem relacionado ao aluno. De acordo com Bossa (2007) trata-se de um processo que permite ao profissional pesquisar e levantar determinados questionamentos provisórios em relação a um determinado caso e aos poucos ir concretizando suas conclusões com o decorrer do tempo.

Para Carvalho (2007):

o diagnóstico psicopedagógico é um processo sistêmico que tem um caráter dialético, e busca entender causas, a partir de uma sintomatologia, que leva às intervenções pertinentes a fim de produzir o equilíbrio do sujeito em análise ou da instituição pesquisada. O diagnóstico psicopedagógico se reveste de plasticidade e reversibilidade já que pode ser revisado no contínuo do seu movimento. As intervenções se dão a partir de uma postura investigadora do psicopedagogo seja na clínica ou na instituição.

De acordo com Neves (1991):

O diagnóstico é em si uma investigação que segue parâmetros definidos pelo psicopedagogo para buscar as causas de uma queixa do sujeito, da família ou da escola. O foco do diagnóstico é o obstáculo no processo de aprendizagem. O objetivo do diagnóstico não é a inclusão do sujeito em uma categoria ou do não aprender, mas obter uma compreensão global da sua forma de aprender e dos desvios que estão ocorrendo neste processo que leve a um prognóstico e encaminhamento para o problema de aprendizagem. Procura-se organizar os dados obtidos em relação aos diferentes aspectos envolvidos no processo de aprendizagem de forma particular, pertencentes somente àquele sujeito investigado.

Conforme Weiss (2003), “o objetivo básico do diagnóstico é identificar os desafios e os obstáculos básicos no modelo de aprendizagem do sujeito que o impedem de crescer na aprendizagem dentro do esperado pelo meio”.

A autora ressalta ainda que o diagnóstico possui uma grande relevância tanto quanto o tratamento. Ele mexe de tal forma com o paciente e sua família que, por muitas vezes, chegam a acreditar que o sujeito teve uma melhora ou tornou-se agressivo e agitado no decorrer do trabalho diagnóstico. Por isso deve-se fazer o diagnóstico com muito cuidado observando o comportamento e mudanças que isto pode acarretar no sujeito.

## 2.1. INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Vale lembrar que, para a realização do presente estudo de caso, foram utilizados alguns instrumentos para constatação do diagnóstico. Ressalta-se que tais instrumentos fazem parte do cotidiano de ações do psicopedagogo em sua prática profissional.

### 2.1.1. Anamnese

Palavra de origem grega, Anamnese quer dizer “trazer de novo a memória”. Segundo Weiss (2003), o objetivo da anamnese é “colher todos os dados significativos sobre a história de vida do paciente”.

Ressalta-se ainda que essa consiste em entrevistar o pai e/ou a mãe, ou responsável para, a partir disso, extrair o máximo de informações possíveis sobre o sujeito, realizando uma posterior análise e levantamento do 3º sistema de hipóteses. Para isso é preciso que essa atividade seja muito bem conduzida e registrada pois o psicopedagogo deverá trabalhar de modo a deixar à vontade os entrevistados.

Nessa investigação, foi realizada Anamnese com a mãe, desde a vida uterina de seu filho até a sua atual situação. Por meio dessa história, pôde-se observar como é a sua relação com a criança e o meio onde essa está inserida. Nessa atividade, o psicopedagogo poderá colher dados que o ajudarão no diagnóstico com o cliente.

De acordo com Pain e Machado (1992), a história vital nos permitirá “detectar o grau de individualização que a criança tem com relação à mãe e à conservação de história nela”.

### 2.1.2. Entrevista com o cliente

Visca (1987) propõe um esquema de diagnóstico sequencial e flexível, centrado na aprendizagem, definindo linhas de investigação e escolha de instrumentos para melhor formar uma imagem do sujeito aprendiz, com o intuito de melhorar e sanar os problemas de aprendizagem.

Tratando-se do primeiro encontro entre o psicopedagogo e o cliente, esse deve ocorrer informalmente a fim de que não gere desconforto nem tampouco ansiedade desnecessária no cliente a ser entrevistado. O intuito é de que nesta primeira entrevista o psicopedagogo tente obter uma visão ampla do cliente. Nesse momento, o psicopedagogo diferencia-se de outros profissionais ao estabelecer uma relação com o paciente numa atitude de escuta e de acolhida, oferecendo-se como um elemento de ajuda.

### **2.1.3. Atividades Lúdicas**

Nota-se que as sessões lúdicas centradas na aprendizagem são fundamentais para a compreensão dos processos cognitivos, afetivos e sociais, e a sua relação com o Modelo de Aprendizagem do sujeito.

Segundo Weiss (2003), é no processo lúdico que a criança constrói seu espaço de experimentação, de transição entre o mundo interno e externo. Nesse espaço transacional dá-se a aprendizagem e por isso torna-se tão importante no trabalho psicopedagógico. É evidente que a avaliação pedagógica pode ocorrer em situações criadas nas sessões lúdicas, observando-se nas brincadeiras como o sujeito faz uso dos conhecimentos adquiridos em situações escolares e sociais, e como os usa no processo de assimilação de novos conhecimentos.

### **2.1.4. Provas Operatórias**

Trata-se de um conjunto de provas em que se determina o grau de aquisição de algumas das noções básicas de desenvolvimento cognitivo com que o sujeito é capaz de operar na situação presente. A aplicação das provas operatórias tem como objetivo determinar o nível de pensamento do sujeito realizando uma análise quantitativa e também a função de reconhecer as diferenças funcionais realizadas no estudo qualitativo (VISCA, 2013).

Segundo Weiss (2003), as provas operatórias têm como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções-chaves do desenvolvimento cognitivo, detectando o nível do pensamento alcançado pela criança, ou seja, o nível de estrutura cognitiva com que opera.

Criadas à luz das teorias piagetianas, com o objetivo de nortear certa escala de desenvolvimento cognitivo e intelectual, as provas operatórias partem de um

método clínico, de conversação livre do psicopedagogo com a criança sobre um tema dirigido pelo interrogador reorientando-se a partir da própria criança.

### **2.1.5. Provas Projetivas Psicopedagógicas**

Conforme Visca (1987), as provas projetivas visam à aplicação e tem como objetivo investigar os vínculos que o sujeito pode estabelecer em três grandes domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo. Por meio desses, é possível reconhecer três níveis em relação ao grau de consciência dos distintos aspectos que constituem o vínculo de aprendizagem.

O princípio básico é de que maneira do sujeito perceber, interpretar e estruturar o material ou situação reflete os aspectos fundamentais do seu psiquismo. É possível, desse modo, buscar relações com a apreensão do conhecimento com procurar, evitar, distorcer, omitir, esquecer algo que lhe é apresentado. Podem-se detectar, assim, obstáculos afetivos existentes nesse processo de aprendizagem de nível geral e especialmente escolar (WEISS, 2003).

De acordo com Paine Machado (1992), o que se pode avaliar mediante o desenho ou relato é a capacidade do pensamento para construir uma organização coerente e harmoniosa e elaborar a emoção. “Também permitirá a deterioração que se produz no próprio pensamento. É importante lembrar que o pensamento se reproduz por meio do desenho, é nele que se diz mal ou não se diz nada, e também se consegue identificar o que não tem relevância para vida do sujeito.”

### **2.1.6. Jogo de Regra**

O jogo é essencial na vida da criança, pois com ele, ela se apropria daquilo que vê na realidade. No jogo de regra prevalece a assimilação. Segundo Piaget (1975), por meio do jogo a criança assimila o mundo para atender seus desejos e fantasias. É essencial ressaltar que também participa da evolução nos exercícios funcionais, depois se tem uma continuação por meio dos jogos simbólicos. Percebe-se no decorrer do tempo, uma evolução que se inicia com os exercícios funcionais e logo depois com a inserção dos jogos simbólicos, pois ele se aproxima, gradativamente, dos jogos de regras que dão origem à lógica operatória.

Ainda de acordo com Piaget (1985), esse jogo acontece no período operatório concreto, que vai dos 7 aos 11 anos. Nesse período, a criança aprende a lidar com delimitações no espaço, no tempo, o que pode e o que não pode fazer. Ao invés de símbolo, a regra supõe relações sociais, porque a regra é imposta pelo grupo e sua

falta significa ficar de fora do jogo. Aprende a lidar com perdas e ganhos, estratégias de ação, tomada de decisão, análise dos erros e replanejar as jogadas em funções dos movimentos dos outros.

### **2.1.7. A Hora do Jogo – Caixa Lúdico**

O objetivo da hora do jogo é trabalhar os problemas de aprendizagem ou mesmo a dificuldade e ainda saber o vínculo que apresenta com as situações de aprendizagem. “A hora do jogo – caixa lúdica é composta de brinquedos e materiais escolhidos para representarem o mundo interno das crianças, suas fantasias inconscientes frente ao mundo” (BARBOSA, 2001).

Na caixa lúdica poderá colocar materiais estruturados que são: cadernos, livros, jogos com regras, revistas, lápis, borracha, régua, apontador e caneta. Podem ser colocados também os materiais não estruturados dentre os quais: tinta, peças para montar, pedaços de tecido, papel de dobradura, tesoura, cola, papel sulfite, papel pautado e papel colorido.

Tem um rico significado, onde o cliente depositará suas construções e elaborações, representando o seu mundo interno, demonstrando o vínculo com as situações de aprendizagem escolares. Para Visca (1987), o objetivo desta prova é trabalhar os problemas de aprendizagem ou dificuldade e saber o vínculo que apresenta com as situações de aprendizagem.

O indivíduo não atua se não experimenta a necessidade, ou seja, quando o equilíbrio se acha momentaneamente quebrado entre o meio e o organismo, a ação tende a restabelecer este equilíbrio, quer dizer, precisamos readaptar o organismo (VISCA, 1991).

### **2.1.8. Provas Pedagógicas**

Para Bossa (2007):

Essas provas falam do sujeito epistêmico e contribuem para que se possa situar o sujeito quanto ao nível que alcançou na estruturação cognitiva e em relação à disponibilidade efetiva das estratégias de conhecimento para as quais aquela estruturação o habilitaria nas diversas áreas de comportamentos cognitivos (figurativo, lógico-matemático, experimental).

### **2.1.9 Entrevista com a Professora**

Segundo Bassedas (1996), a entrevista do professor com o psicólogo ou psicopedagogo deve satisfazer a necessidade deste de obter do professor o máximo de informações sobre a criança. Esta informação é imprescindível para começarmos a trabalhar com essa criança.

Colher a informação que o professor tem dos pais: atitude dos pais perante a escola e a colaboração e contatos destes com o professor.

Desta feita, o psicopedagogo terá a definição do nível de construção que a criança alcançou em cada uma das noções e o grau de estrutura operatória que predomina em cada etapa do seu desenvolvimento.

### **2.1.10 Observação do Material Escolar**

Segundo Weiss (2003), a análise do material escolar, implicará em observar a metodologia didática, tendo cuidado de verificar quanto ao posicionamento perante erros ou acertos do aprendente se é revisto trabalhando incentivado para futuros acertos ou só assinalado.

Observa-se a organização das atividades que irão ser feitas e o cuidado do aluno com seus objetos.

### **3. ANÁLISES DOS INSTRUMENTOS**

#### **3.1. ANAMNESE**

A mãe de L. relata que o filho apresenta distúrbios na fala, uma vez que falou com quatro anos, gagueja um pouco e troca letras. L. já mudou de escola duas vezes, é “desligado” desde quando iniciou os estudos, lento para realizar tarefas, desastrado, tem dificuldade em fazer amizades e adaptar-se ao meio, briga muito com os irmãos, é agressivo com a mãe. Ele está repetindo o 2º ano pela segunda vez.

Na escola, prefere a brincadeira de pular corda, mas em casa gosta de brincar de lama e fica toda manhã no fundo do quintal sem estabelecer contato com a mãe.

A mãe sempre trabalhou fora, se ausentou ao iniciar o estudo de caso com seu filho. Apesar de ter dedicado para ajudar no problema do aprendente L. não conseguiu.

Desta feita, levanta-se a hipótese através da anamnese de que L. sente falta da atenção e do carinho da mãe, pois se percebe que toda atitude, de agressividade, e quando se isola de tudo e de todos é para chamar a atenção da mãe. Não sente motivação para realizar suas tarefas.

Para Piaget (1975) apud Oliveira (2000), é nas vivências que a criança realiza com outras pessoas a fase do egocentrismo, constrói a noção do eu e do outro como referência. A afetividade é considerada a energia que move as ações humanas, ou seja, sem afetividade não há interesse nem motivação. Vygotsky (1998), por sua vez, afirma que o ser humano se constrói nas suas relações e trocas com o outro e que é a qualidade dessas experiências interpessoais e de relacionamento que determinam o seu desenvolvimento, inclusive afetivo, enquanto Wallon (1971) apud Taille et al., (1992) sustenta que, “no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com predomínio da primeira”.

#### **3.2. ENTREVISTA COM O CLIENTE**

L. relatou que o irmão mais velho o ajuda a fazer as tarefas em casa explicando com calma e auxilia sempre que precisa. Sua brincadeira preferida em



casa é de escrever e a que menos gosta é de correr. Na escola a brincadeira preferida é pular corda e em casa e brincar de lama.

Percebeu-se, no decorrer da entrevista, que L. é uma criança que está precisando muito de atenção e a busca de modo intenso por meio de suas atitudes. Toda sua brincadeira mostra individualidade e sem muito esforço para despertar a concentração. É de pouca conversa, só respondia o que era perguntado e às vezes respondia balançando a cabeça.

No decorrer da entrevista, levanta-se a hipótese que L. sente falta da atenção e carinho dos pais. Segundo Almeida (1999, p. 50), “as relações familiares e o carinho dos pais exercem grande influência sobre a evolução dos filhos, em que a inteligência não se desenvolve sem afetividade.”

Conforme Piaget e Inhelder (1993), a formação da consciência e dos sentimentos morais infantis é resultado da relação afetiva da criança com os pais, o que chama atenção para a qualidade das interações afetivas no ambiente familiar. Isso porque é na família que a criança estabelece os primeiros contatos e experimenta as primeiras vivências afetivas e aprendizagens que vão lhe servindo de referência para orientar as relações com as outras pessoas.

### 3.3. ATIVIDADE LÚDICA

Foi dada uma atividade em folha, com o desenho de um robô, para o aprendente L. colar nos pontilhados palitos de fósforos. O aprendente L. durante a colagem dos palitos demonstrou habilidade e atenção, seguiu corretamente os pontilhados.

Segundo Teixeira (1995), várias são as razões que levam os educadores a recorrer às atividades lúdicas e as utilizá-las como um recurso no processo ensino-aprendizagem. Uma das razões: “As atividades lúdicas integram as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva. Como atividade física e mental que mobiliza as funções, a ludicidade aciona as esferas motoras e cognitivas, e à medida que gera envolvimento emocional, apela para a esfera afetiva. Assim sendo, vê-se que a atividade lúdica se assemelha à atividade artística, como o elemento integrador dos vários aspectos da personalidade. O ser que brinca e joga é, também, o ser que age, pensa, aprende e se desenvolve”.

### 3.4. PROVAS OPERATÓRIAS

Visca (1987), fala muito de Piaget e sua Epistemologia Genética que dividiu o desenvolvimento humano em quatro etapas universais, que não são “queimadas”, mas vividas de acordo com cada sujeito.

A partir deste estudo de Jean Piaget, são aplicadas no diagnóstico as provas operatórias-exames clínicos de Piaget para verificar o nível cognitivo em que o sujeito se encontra, pois segundo Visca (1987) “ninguém pode aprender acima do nível cognitivo que possui”.

#### 3.4.1. Provas de Classificação

Essas provas têm como objetivo reconhecer, através de indagações, o domínio da criança a respeito desta noção. Objetiva-se também, por meio de perguntas referentes a intersecção e inclusão de conjuntos que se apresentam, o grau de operatividade a respeito das relações lógicas no manejo das classes.

As três provas de classificação repousam sobre uma estrutura afim (coordenação da compreensão e extensão das classes e manejo das relações de inclusão) ainda que refiram a diversos conteúdos.

#### 3.4.2. Intersecção de Classe

Nesta prova se investiga, através de perguntas referentes à intersecção e inclusão de conjuntos que se apresentam o grau de operatividade a respeito das relações lógicas no manejo de classes (DONELL, 1994).

Nesta prova o aprendente L. se encontra no nível 2, onde tem intuitivo articulado. Teve êxito nas perguntas suplementares, soube que dentro de um círculo estão todas as fichas redondas e dentro do outro círculo estão todas as fichas azuis. Teve dúvidas de inclusão e de intersecção.

#### 3.4.3. Quantificação: Inclusão de Classes

É a classe prova com as flores, na qual se procura indagar o manejo da quantificação inclusiva a respeito das classes (DONELL, 1994). O aprendente L. nesta prova se encontra no nível 1. Teve ausência da quantificação da inclusão, foi incapaz de comparar o número de elementos de uma subclasse com uma classe.

#### **3.4.4. Conservação: Quantidade de Matéria**

Aqui será indagada a conservação das duas bolas de massa de modelar. Havendo nesta prova contra-argumentação e o retorno empírico. Nesta prova o aprendiz L. está no nível 2, teve condutas intermediárias próprias do pensamento intuitivo articulado. Os juízos oscilam entre a conservação e a não conservação e aparecem de três maneiras:

1. Juízos oscilam em uma mesma transformação;
2. Alternam-se os juízos de conservação e não conservação nas diversas transformações;
3. Em função das contra-argumentações surgiu uma alternativa de juízo.

#### **3.4.5. Conservação de Peso**

Estuda o grau de aquisição da invariância desta grandeza a qual, como sabemos, tem êxito no segundo nível das operações concretas. Nesta prova o aprendiz L. se encontra no nível 2- sua conduta é intermediária. Juízos que oscilam entre a conservação e não conservação de três maneiras principais:

1. Para a mesma transformação julga alternadamente que os pesos são iguais e diferentes.
2. Alternam juízos de conservação e de não conservação nas diversas transformações.
3. Apresentou uma alternativa de juízo na contra-argumentação.

#### **3.4.6. Conservação de Volume**

Igualmente à anterior, conservação desta grandeza se alcança mais tardiamente, correspondendo seu êxito ao momento de culminação das operações concretas (11/13 anos).

Nesta prova foi usada a massa de modelar. O aprendiz L. se encontra no nível 2 - apresentou condutas intermediárias. Aparecem juízos que oscilam entre a conservação e a não conservação de três maneiras:

1. Acredita que numa transformação, alternadamente, o volume (nível d'água ou o lugar que ocupa a massa) é igual e diferente.

2. Alternam-se os dois juízos, conservação e não conservação, nas diversas transformações.
3. Nas contra-argumentações, aparece uma resposta de conservação, quando insistindo na diferença e na forma, ou volta a não conservação, quando assinala a sua desigualdade das mesmas em relação ao espaço que deveriam ocupar.

#### **3.4.7. Entrevista com a Professora**

A professora falou que L. tem dificuldade na aprendizagem. Precisa de ajuda para fazer as tarefas. Tem dificuldades nos cálculos, na leitura e na escrita. Sua postura na carteira na hora de escrever é deitada. Acalca muito o lápis ao escrever. Aparentemente não apresenta dificuldades motoras. No ponto de vista emocional o L. apresenta apático.

As características apresentadas de L. são: agressivo quando contrariado, passivo, retraído e desligado. Ele fica alheio aos outros.

A professora não tem muito contato com os pais de L.

Levanta-se a hipótese através da entrevista com a professora de que L. precisa de mais atenção da mesma, incentivo e motivação para se integrar com satisfação no âmbito escolar. Percebe-se também que a professora não tem contato com os pais e não demonstra interesse em se aproximar.

#### **3.4.8. Observação do Material Escolar**

Segundo Weiss (2003), a observação do material escolar tem como objetivo verificar a metodologia utilizada em sala de aula; e também como anda a organização em nível de antecipação e estruturação das atividades, o cuidado ou não com seus diferentes materiais.

O aprendiz "L". não tem todo material escolar necessário. Os livros estão conservados mais sem encapar. Nos cadernos não há nenhuma anotação, a professora só vista sem incentivos. A letra no caderno é ilegível com muitos erros. As tarefas não são feitas.

Levanta-se a hipótese que através da observação do material escolar, que o aprendiz L. apresenta desinteresse de fazer as tarefas por não ter incentivo e acompanhamento necessário por parte do professor e da família.

### 3.5. PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICAS

#### 3.5.1. Par Educativo

Segundo Visca (1987) o objetivo desta prova é investigar os vínculos da aprendizagem. O aprendiz L. desenhou sua sala de aula, somente o quadro, a professora, sua carteira e ele mesmo.

O tamanho do desenho é pequeno, leva a pensar num vínculo de aprendizagem negativo; comparando o tamanho do aprendiz ao tamanho do docente leva a entender a desvalorização de quem aprende. A posição do aluno está de costas para o professor, percebe-se que o aluno tem um mal vínculo de aprendizagem e rejeita o professor.

#### 3.5.2. Eu e Meus Companheiros

Para Visca (1987) o objetivo desta prova é estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de sala.

O aprendiz L. o desenhou e mais dois amigos da escola. O tamanho total do desenho é pequeno, leva a entender um vínculo negativo. O tamanho dos personagens é pequeno, está desvalorizando a amizade. A posição que se encontra é em primeiro lugar, é uma interação adequada mais apenas com dois amigos.

#### 3.5.3. Família Educativa

De acordo com Visca (1987) o objetivo desta prova é estudar o vínculo com o grupo familiar e cada um dos integrantes do mesmo.

O aprendiz desenhou o pai, a mãe, os irmãos e ele mesmo. O tamanho do desenho é compatível a idade de cada um. Todos da família têm uma atividade. O pai trabalha de pedreiro, a mãe trabalhava de diarista, mas agora fica em casa, o irmão mais velho ajuda nas tarefas da escola, os irmãos de 6 e 7 anos brincam e vão para escola.

Na realização da prova, aprendiz L. soube fazer todos os relatos referentes à sua família e seus irmãos. O vínculo maior que tem é o com o irmão mais velho. Pode perceber que ele não tem muito contato com o padrasto nem com a mãe.

### 3.6. JOGO DE REGRAS

O objetivo desse jogo é despertar a atenção, saber perder e ganhar, saber esperar a vez e ter habilidade e concentração.

O Jogo da velha foi realizado comigo e com o aprendente L., ele disse que não conhecia o jogo, expliquei a regra do jogo e jogamos quatro vezes. Durante o jogo da velha o aprendente L. demonstrou-se confuso sem saber como começar. Teve falta de concentração, mas sabia esperar sua vez de jogar.

Segundo Piaget (1975), nos jogos de regras existe algo mais que a simples diversão e interação, pois eles revelam uma lógica diferente da racional. Esse tipo de jogo revela uma lógica própria da subjetividade tão necessária para a estruturação da personalidade humana quanto a lógica formal, advinda das estruturas cognitivas.

Para Gonçalves(1999), os jogos de regras podem ser considerados o coroamento das transformações a que criança chega quando atinge a reversibilidade do pensamento.

### 3.7. A HORA DO JOGO – CAIXA LÚDICA

O objetivo é trabalhar os problemas de aprendizagem ou dificuldade e ainda saber o vínculo que apresenta com as situações de aprendizagem.

Para a realização deste jogo, foi utilizado materiais estruturados como giz de cera, lápis e borracha e materiais não-estruturados como peças para montar dois quebra-cabeças e uma folha de papel em branco.

L. demonstrou curiosidade, teve pouca imaginação e pouca criatividade. Explorou todos os objetos da caixa no primeiro dia, mas conseguiu fazer o que escolheu. Escolheu jogos com situações escolares e objetos com pouca possibilidade de ação. Sua ação em frente aos objetos foi de insegurança, sua postura corporal rígida. Fazia pouca argumentação, seu grau de tolerância frente à situação e de frustração era pouco paciente. Mostrava possibilidade de síntese cognitiva.

No primeiro momento ele escolheu um quebra cabeça de uma *smilinguidae* ficou um pouco confuso querendo desistir, mas com incentivo para tentar novamente com paciência, finalmente, após 12 minutos, conseguiu montar.

No segundo momento, escolheu uma folha em branco e uma caixa de giz de cera. Desenhou sua casa e uma pessoa que era seu amigo, porém não soube dizer o nome. Neste desenho ele não fez a representação do sol.

No terceiro momento, escolheu outro quebra cabeça de numerais com figuras geométricas. Conseguiu nomear algumas figuras e alguns números. Demorou cerca de 5 minutos para montar.

Quanto a sua modalidade de aprendizagem, cita-se a hiperacomodação: teve dificuldade de relatar o seu desenho (sofreu falta de assimilação ou abandono), e hipoassimilação: não explorou muito os objetos.

Segundo Fernandez (1991), a hiperacomodação é a pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência acríticas as normas, submissão. A hipoassimilação é uma pobreza de contato com o objeto que redundam em esquemas de objeto empobrecidos, déficit lúdico criativo.

### 3.8. PROVAS PEDAGÓGICAS

Tem como objetivo investigar o nível pedagógico em relação a leitura, escrita e matemática. Estas provas pedagógicas possibilitam observar a relação entre o paciente e o objeto de estudo.

Segundo Weiss (1992), a avaliação pedagógica não se limita ao conteúdo escolar. Como qualquer um dos momentos do diagnóstico, a conduta do paciente deve ser vista como uma expressão global em que está pondo em foco o nível pedagógico, mas estarão juntos o seu funcionamento cognitivo e suas emoções ligadas ao significado dos conteúdos e ações. É necessário que se pesquise o que o paciente aprendeu, como articular os diferentes conteúdos entre si, como faz uso desses conhecimentos, nas diferentes situações escolares e sociais, como os usa no processo de assimilação de novos conhecimentos.

#### 3.8.1. Leitura e Interpretação

A história Cachinhos de Ouro e os Três Porquinhos foi lida em voz alta para o aprendente L. onde demonstrou interesse porque já conhecia a história.

Na interpretação não conseguiu escrever o título da história com as letras certas, mas escreveu à sua maneira.

A hipótese da escrita é pré-silábico II uma vez que escreve com letras e distingue o figurativo do escrito e faz leitura global.

### **3.8.2. Ditado**

Segundo Ferreiro (1985):

temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzi-la, quando consideramos a alfabetização, a escrita com sistema de apresentação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega o instrumento para marcar o aparelho fonador que imita sons. Através disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu.

Assim, no início do pensamento de Ferreiro (1985), percebe-se que as mudanças necessárias para enfrentar sobre bases novas a alfabetização inicial não se resolvem com um novo método de ensino, nem com novos testes didáticos. É preciso mudar os pontos por onde se faz passar o eixo central de todas as discussões.

O aprendiz L. durante o ditado sentiu-se perdido, sem saber com que letra escrevia as palavras.

### **3.8.3. Matemática**

A escola, o professor, todos têm responsabilidade quanto à construção do número pela criança uma vez que compartilham um mesmo ambiente. Para Kamii (1990, p. 38),

as pesquisas mostram que o meio ambiente pode agilizar ou retardar o desenvolvimento lógico-matemático (...). O meio ambiente pode proporcionar muitas coisas, que, indiretamente, facilita o desenvolvimento do conhecimento lógico-matemático. O ensino indireto pode variar do ato de encorajar as crianças a colocar todos os tipos de coisas em todas as espécies de relações, até pedir-lhes que peguem tantos pratos quantos são as pessoas em suas mesas.



Outrossim, segundo Kamii (1990, p. 58) “as crianças não aprendem conceitos numéricos com desenhos. Tampouco aprendem conceitos numéricos meramente pela manipulação de objetos.”

Foi lido para o aprendiz L. a música a galinha do vizinho, onde teve muita dificuldade na sequência numeral de 1 a 10. Não sabe fazer a representação numérica na escrita, nem na pintura.

#### 4. HIPÓTESE DIAGNÓSTICA

Pain (1989), descreve as Modalidades de Aprendizagem sintomática tomando por base o postulado piagetiano. Descreve como a assimilação e a acomodação atuam no modo como o sujeito aprende e como isso pode ser sintomatizado, tendo assim características de um excesso ou escassez de um desses movimentos, afetando o resultado.

A modalidade de aprendizagem do aprendente é hipoassimilação uma vez que não explorou muito os objetos nem foi criativo e apresentou hipoacomodaçãouma vez que teve dificuldade em relatar o seu desenho.

O aprendente L. é lento ao copiar, não consegue se ater as atividades propostas. Demonstra constante falta de atenção apontando assim um sintoma da aprendizagem, o que muitas vezes está ligado a razões sociais.

O aprendente apresenta ainda baixa autoestima, insegurança e desapego com a mãe. Possui vocabulo pobre, desinteresse pela leitura e dificuldade com a escrita.

Foi estabelecida uma hipótese diagnostica que L. apresenta problema de aprendizagem sintoma que segundo Fernandez (1991), o sintoma alude e ilude o conflito. O ilude para não contatar com a angústia, mas ao mesmo tempo está mostrando uma marca, assinalando, quer dizer aludindo ao conflito. O sintoma é o retorno do reprimido. Há uma luta constante, uma batalha permanente, para que o reprimido não apareça. O retorno do reprimido aparece de forma transacional e substitutiva, através de movimentos de condensação e deslocamento. No sintoma de aprendizagem, a mensagem está encapsulada e a inteligência atrapada; não possui as palavras objetivantes, nem os recursos da elaboração cognitiva acham-se disponíveis. A criança renuncia ao aprender, ou aprende perturbadamente, marcando a construção de sua inteligência e de seu corpo. O sintoma-problema de aprendizagem traz consigo, habitualmente, perturbações instrumentais expressas no corporal; à medida que está atrapada a possibilidade de aprender e estase instala na infância, perturbará conseqüentemente a estrutura cognitiva e a imagem corporal.

## 5. SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTO

Segundo Weiss (2000), ao término do diagnóstico, o psicopedagogo já terá formado opinião acerca do cliente contextualizando-o a seus familiares, a escola e ao meio onde vive. O laudo deverá ser adequado ao solicitante, informando as condições em que o diagnóstico foi feito bem como as previsões que motivaram a investigação.

A devolução ou encaminhamento deve ser feito por meio de uma entrevista com os pais, escola e o aprendiz de modo que as informações sejam claras e objetivas uma vez que constará a indicação de sequência ao tratamento, seja com especialista de outra área (fonoaudiólogo, psicoterapeuta, etc.) ou dentro da própria instituição por intermédio do psicopedagogo.

No caso específico de L., a mãe terá conhecimento que no decorrer do estudo do caso, foi diagnosticado que seu filho possui falta de atenção, lentidão, desinteresse, dentre outras características que lhe vem prejudicando o aprendizado. Considera-se a falta de atenção como consequência de falta de estímulo ou mesmo de autoestima baixa. Quanto ao desinteresse, entendemos que pode ser causado pela falta de interação do aluno com a escola, com o professor e com o objetivo da educação. Para L. ainda não é nítida a responsabilidade com a educação, com a escola.

A indicação foi para tratamento psicoterápico com um profissional da psicologia, tanto para a mãe quanto para o próprio aprendiz de modo que este possa se inteirar da situação buscando aprimorar as condições de aprendizado, além de uma aplicação de bateria de testes psicológicos que possam avaliar a atenção, cognição e inteligência do cliente. A indicação se estende ao acompanhamento do psicopedagogo.

A orientação para o professor é de que este deve se aproximar mais de L. não chamar muito sua atenção já que tem autoestima baixa. Colocar L. para auxiliar em sala de aula, sentado junto à lousa.

Quanto à escola, esta deve pedir ajuda para a secretaria de educação, solicitar um professor de apoio para auxiliar L. em suas tarefas uma vez que este precisa de muita atenção até que consiga caminhar sozinho.

## 6. CONCLUSÃO

O presente estudo de caso mostrou que os problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem podem ser causados ou interligados à problemas de ordem social ou familiar. No caso específico estudado, notamos que o aprendiz L. sente falta da atenção e carinho dos pais.

Sua característica levantada pela professora se mostra agressivo quando contrariado, passivo, retraído, desligado e alheio aos outros.

No que tange ao seu desenvolvimento cognitivo, nota-se que L. tem dificuldade de atenção, o que pode estar provocando seu déficit de aprendizagem, uma vez que está em repetência pela 2ª vez consecutiva e ainda não consegue ler e escrever corretamente apesar da idade (10 anos) já propicia a essa ação.

O papel do psicopedagogo está diretamente relacionado as condições de investigação e melhoramento da aprendizagem do aluno, uma vez que, após observado, o aprendiz é encaminhado quando necessário. No caso específico L. foi encaminhado para acompanhamento com psicopedagogo e tratamento psicoterápico.

Mediante a realização do diagnóstico das dificuldades apresentadas no estudo de caso relatado acima, fica claro que a Psicopedagogia apresenta papel fundamental no processo de detectar os sintomas, avaliá-los, tratar ou encaminhar para especialistas conforme cada diagnóstico.

É de suma importância que o saber psicopedagógico, antes de tudo, é o trabalho de autoanálise das próprias dificuldades no aprender, pois a formação do psicopedagogo assim como requer a transmissão de conhecimentos e teorias, também requer um espaço para construção de um olhar e escuta psicopedagógica a partir de uma análise de seu próprio aprender.

A prática psicopedagógica, se faz então, sob olhar clínico e sob o trabalho competente do psicopedagogo e dos elementos de intervenção. Dessa forma, propõe-se que este, aproveite do “poder” que lhe é atribuído para possibilitar que o atendimento clínico seja espaço de escuta do desejo e de trocas acima de tudo.

É importante que o psicopedagogo reflita sobre o seu exercício e ter capacidade de selecionar e processar saberes infinitos, de acordo com cada caso, para dar conta de cada um, identificando as possíveis intervenções.

Quanto à escolha da Psicopedagogia como curso de especialização, esta se deu devido ao fato de considerá-la uma ciência de extrema necessidade para o desenvolvimento cognitivo e familiar do aluno. Dessa forma, acredito que o psicopedagogo contribui para a qualidade da educação ao passo em que oportuniza o contato do aprendente com o meio escolar de modo produtivo, minimizando as possíveis diferenças que possam existir no seu contexto de sala de aula.

## 7. BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A. R. S. **Emoção Na Sala de Aula (a)**. Papyrus Editora, 1999.
- BARBOSA, L.M.S.. A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar. **Curitiba: Expoente**, p. 17-26, 2001.
- BASSEDAS, E. **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico** 3. ed. Artes Médicas. Porto Alegre. 1996.
- BOSSA, N.A.. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Artmed, 2007.
- CARVALHO, S. R. F. **O diagnóstico psicopedagógico institucional e o diagnóstico psicopedagógico na clínica: pontos convergentes e divergentes**. São Paulo, 2007. Disponível em:  
<<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/669775>> Acesso em 20/08/2010.
- DONELL, J. G. Manual: Provas de Diagnóstico Operatório. **Curitiba: Edição CEM**, 1994.
- FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada: uma abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- FERREIRO, E. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, n. 52, p. 7-17, 1985.
- GONÇALVES, J.E. **Jogos: como e porque utilizá-los na escola**. 1999. Disponível em: <http://www.fundacaoaprender.org.br> . Acesso em: 24/11/2010.
- KAMII, C. A criança e o número: implicações da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos. Trad. Regina A. de Assis. **32ª Ed. Campinas, SP: Papyrus**, 2004.
- NEVES, M. A. Psicopedagogia: um só termo e muitas significações. **Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, v. 10, n. 21, p. 10-14, 1991.
- OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.**, 2000.

PAIN, S.; MACHADO, A. M. N. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 1992.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança. Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação** (A. Cabral & C. Oiticica, Trad., ). 1975.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. Lisboa: Edições Asa, 1993, 1993.

SAMPAIO, S. Sobre a psicopedagogia. **Faculdade São Bento/BA. Disponível no site: [http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/a\\_psicopedagogia.htm](http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/a_psicopedagogia.htm)**  
**Revisado em**, v. 9, n. 01, 2007. Acesso em: 10/09/2010.

TAILLE, Y. L.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. **São Paulo: Summus**, 1992.

TEIXEIRA, C. EJ. A ludicidade na escola. **São Paulo: Loyola**, v. 1, 1995.

VISCA, J. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

\_\_\_\_\_. Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação. **Buenos Aires: Visca&Visca**, v. 56, 2013.

\_\_\_\_\_. **Psicopedagogia: novas contribuições**. Nova Fronteira, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

WEISS, M.L.L.. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR**, v. 6023, p. 100.

\_\_\_\_\_. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. **Rio de Janeiro: DP&A**, 2003.

\_\_\_\_\_. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica**. Artes Médicas, 1992.

## APÊNDICE A - ANAMNESE COM A MÃE

Mãe tem 31 anos, estudou até o 5º ano. O padrasto tem 33 anos, profissão pedreiro, escolaridade 5º ano. Tem mais três filhos com idade de 6,7 e 14 anos.

Ela relatou que a dificuldade de L. é falta de concentração, e este problema o acompanha desde quando iniciou os estudos. Ele está repetindo o 2º ano por duas vezes, nunca procurou ajuda a um especialista, somente conversava com a professora.

Sua gravidez foi saudável, parto normal, não amamentou. Ela falou pouco sobre esta gravidez, disse que morava em outra cidade e veio para Anápolis para casa do pai onde o L. nasceu.

O sono de L. é muito agitado, fala enquanto dorme. Ele dorme no mesmo quarto com os irmãos. Não gosta de estudar nem de ler. A mãe disse que ela e o pai ajudam nos estudos. Mudou de escola duas vezes, a matéria que ele gosta é de matemática, tem dificuldade na leitura e na escrita.

Ele falou com 4 anos de idade, gagueja e troca letras. Os pais não conversam sobre sexualidade. Quando bebê, o seu desenvolvimento psicomotor foi normal, firmou a cabeça com seis meses, engatinhou com oito meses, ficou em pé com 10 meses e andou com um ano.

É lento para realizar tarefas e desastrado. Andou de bicicleta com 8 anos. É destro. Gosta de ir à escola. Gosta de brincar com os irmãos, tem dificuldade de fazer amizades e adaptar-se ao meio.

O relacionamento dele com os pais é ruim, briga muito com os irmãos. É muito agressivo com a mãe, mas ela fala que com a tia e com a avó não é agressivo e só obedece a elas.

Quando acontecem as brigas coloca de castigo no quarto sozinho, mas ele não aceita e reage jogando tudo que está ao alcance pelo chão.

A brincadeira preferida dele é brincar com os cachorros da vizinha.



As atividades diárias. L. acorda cedo e já vai para o quintal mexer no lixo velho, almoça às 11:00h e vai para escola. Quando chega brinca com os irmãos, toma banho, assiste televisão e vai dormir às 20:00h.

A mãe trabalhava de diarista, saiu a duas semanas para olhar o L. porque ele não obedece a ninguém.

## APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O CLIENTE

Ele sabe seu nome completo, sua idade, data do aniversário, nome da escola, do professor, dos pais, dos irmãos a série que eles fazem. Seu endereço é novo ainda não sabe e o telefone só o da mãe.

Veio ao atendimento porque sua mãe disse que era bom. É irrequieto, na sala de aula não presta atenção e nem deixa os outros quietos.

O que ele mais gosta de fazer em casa é de escrever, o que menos gosta é de correr. Faz as tarefas ao chegar em casa, quem ajuda é o irmão mais velho explicando com calma e paciência. Recebe poucos amigos em casa. O passeio que faz com a família é ir ao centro da cidade e para casa da sua tia.

Na escola ele tem 2 amigos. Ele gosta de escrever, o que menos gosta de fazer na escola é de jogar bola; o que acha mais fácil de fazer na escola é pintar, o mais difícil é fazer contas. A brincadeira preferida na escola é pular corda, em casa brincar de lama.

Gosta de ler o alfabeto, de ouvir histórias. O programa preferido da TV é a novela Os Mutantes.

Ele tem medo de acidente, a pessoa que pede ajuda quando precisa é o irmão mais velho.

## APÊNDICE C – ENTREVISTA COM PROFESSOR

A professora falou que L. tem dificuldade na aprendizagem. Na briga ele agride e fica muito isolado. Quando contrariado ele briga. Precisa ajudar para fazer as tarefas. Tem dificuldades nos cálculos, na leitura e na escrita, não lê e nem escreve.

Sua postura na carteira na hora de escrever é deitada. Acalca muito o lápis. Aparentemente não apresenta dificuldades motoras.

No ponto de vista emocional, o L. apresenta apático.

As características apresentadas de L. são: agressivo quando contrariado, passivo, retraído, desligado.

Ele fica alheio aos outros.

## APÊNDICE D – ATIVIDADE LÚDICA

Foi dada uma atividade em folha com o desenho de um robô e os pontilhados para L. colar palitos em cima.

O L. demonstrou habilidade e atenção na colagem dos palitos, seguiu corretamente os pontilhados.

Pedi para contar quantos palitos ele usou, mas não conseguiu, teve a mesma dificuldade em matemática. Conteí com ele e falei que havia 25 palitos, pedi para escrever o número e escreveu o número 8 deitado no canto em cima da folha.

## **APÊNDICE E – PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICAS**

### **EU E MEUS COMPANHEIROS**

O tamanho do desenho é pequeno. Sente-se desvalorizado e rejeitado.

Ele se posiciona primeiro que seus colegas. Integração adequada.

Obs. Ele desenhou apenas dois amigos.

### **PAR EDUCATIVO**

O aprendente L. desenhou sua sala de aula, contendo apenas o quadro, a carteira, ele e a professora.

O desenho é pequeno, vínculo de aprendizagem negativo. O aluno está de costas para o professor, o aluno o rejeita o professor.

## **APÊNDICE F – JOGO DE REGRA**

### **JOGO DA VELHA**

O Jogo da velha foi realizado comigo e com o aprendente L., ele disse que não conhecia o jogo, expliquei a regra do jogo e jogamos quatro vezes.

O L. demorou aprender o jogo. Teve pouca concentração, não sabia a hora de jogar. Conseguiu entender só na última partida.

## APÊNDICE G – A HORA DO JOGO

O L. demonstrou curiosidade, teve pouca imaginação e pouca criatividade. Explorou a caixa tudo no primeiro momento, mas conseguiu fazer o que escolheu.

Teve prazer durante o jogo, escolheu jogos de situações de aprendizagem escolar; escolheu objetos com pouca possibilidade de ação.

Suas ações em frente aos objetos apresenta um pouco inseguro, sua postura corporal pouco rígida.

Sua organização; fazia pouca argumentação, seu grau de tolerância frente à situação e de frustração era pouco impaciente.

Mostrava possibilidade de síntese cognitiva.

## APÊNDICE H – PROVAS PEDAGÓGICAS

### LEITURA E INTERPRETAÇÃO

Na leitura L. demonstrou interesse porque já conhecia a história. Quando comecei a ler ele logo falou que dentro da casa morava uma menina.

Sua postura durante a leitura: sentava-se na ponta da cadeira, olhava a história, mas parecia estar muito distante. Não teve iniciativa de colorir os desenhos, não pegou no material, ficou apenas olhando. Não conseguiu escrever o título com as letras certas, mas escreveu à sua maneira.

### DITADO

PALAVRAS:

**1-BALDE**

**2-CADEIRA**

**3-MESA**

**4-RODO**

**5-PORTA**

**6-LÁPIS**

**7-JANELA**

**8-PAPEL**

**9-LIVRO**

**10-BOLA**

Durante o ditado o L. sentiu-se perdido sem saber com que letra escrevia as palavras, sempre me perguntava, mas eu dizia para ele escrever do jeito que sabia.

As características da escrita eram de má orientação espacial no papel e ao escrever segurava o lápis com muita pressão.

Apresentou erros na inversão de letras, omissão de letras ou sílabas, repetição de palavras ou sílabas, substituição de palavras por outras, acréscimo de letras ou sílabas e confusão de letras e de formas parecidas.



## **MATEMÁTICA**

A atividade proposta foi um desenho de um robô onde o aprendiz L. fez a colagem de 10 palitos de fósforos para formar o corpo do robô. Na contagem dos palitos teve muita dificuldade na sequência lógica dos números de 1 a 10, na escrita, na representação numérica e na pintura, mas conseguiu fazer à sua maneira.

## APÊNDICE I – PROVAS OPERATÓRIAS

### CLASSIFICAÇÃO - Intersecção de Classe

#### I. MATERIAL

3 Classes de ficha

5 círculos amarelos

5 círculos azuis

5 quadrados azuis

1 folha de papel (ou cartolina) na qual há dois círculos em intersecção, um preto e outro amarelo, sendo que 5 discos devem poder entrar no setor da intersecção.

#### II. PROCEDIMENTO

Mostram-se ao entrevistado os discos azuis e vermelhos e os quadrados vermelhos sobre dois círculos em intersecção. Na intersecção, encontram-se os discos vermelhos. Interroga-se o entrevistado sobre a quantidade de elementos que têm as classes não relacionadas (fichas azuis e vermelhas e fichas quadradas e redondas), as classes de intersecção (fichas redondas e vermelhas) e as da inclusão (fichas quadradas e vermelhas).

#### III. ADMINISTRAÇÃO

1. O entrevistador coloca os discos azuis e os quadrados vermelhos na parte exterior e os discos vermelhos na intersecção.

2. O entrevistador pede ao entrevistado que comente o que vê: "O que você pode me dizer sobre essas fichas?" (Os discos azuis) "E destas?" (Os quadrados vermelhos) "E destas fichas?" (Os discos vermelhos) "Por que você acha que eu coloquei estas aqui?" (Os discos vermelhos da intersecção).

3. O entrevistador faz as seguintes perguntas:

- "Há mais fichas azuis, ou mais fichas vermelhas?"

- "Há mais fichas quadradas, ou redondas?"

(logo após cada resposta às perguntas anteriores, o entrevistador diz: "Como você sabe?" "Você pode me mostrar?" Se o entrevistado não acerta as perguntas principais, o entrevistador pergunta sobre o que tem em cada círculo - "O que há no círculo preto?" "O que há no círculo amarelo?" "Mostra-me" - e o que tem na intersecção).

- "Há a mesma quantidade, ou há mais, ou há menos fichas redondas do que fichas vermelhas?" (pergunta de intersecção).

- "Há a mesma quantidade, ou há mais ou menos fichas quadradas do que fichas vermelhas?" (pergunta de inclusão).

#### **IV. AVALIAÇÃO**

**1. Nível 1.** Respostas a classes não relacionadas (geralmente a partir de 4 -5 anos)

As crianças respondem unicamente às perguntas vinculadas às classes não relacionadas: "Há mais fichas azuis, ou mais fichas vermelhas?" e "Há mais fichas quadradas, ou mais fichas redondas?"

Assim mesmo, até os 6 anos, as respostas às perguntas suplementares apresentam erros ao se interrogar:

"O que há no círculo preto?", a resposta pode ser: "os quadrados vermelhos" sem levar em conta o conteúdo da intersecção.

**2. Nível2.** Resposta às perguntas suplementares (geralmente a partir dos 6 anos)

As crianças respondem adequadamente às perguntas suplementares: "O que há no círculo preto?" e "O que há no círculo amarelo?".

**3. Nível3.** Êxito na intersecção e quantificação (geralmente desde os 7-8 anos)

As crianças respondem bem as perguntas suplementares e as de intersecção e quantificação.

## **CLASSIFICAÇÃO - Inclusão de Classe**

### **I.MATERIAL**

1. ramo com: 10 margaridas e 3 rosas vermelhas

### **II.PROCEDIMENTO**

O avaliador faz com que a criança nomeie as flores e assegura-se de que conhece o termo genérico – flores: “As margaridas são flores?” “As rosas são flores?” “Você conhece outras flores? Quais?”

O avaliador era formulando as seguintes perguntas e anotando as respostas da criança.

### **III. ADMINISTRAÇÃO**

1. Neste ramo há mais margaridas ou mais flores? Depois da resposta da criança pergunta-se: “Como você sabe? Se a criança responde “rosas” (ou de rosas), pede-se à ela que repita a pergunta que foi formulada, em caso de erro, o avaliador repete a pergunta.
2. Existem duas crianças que querem fazer ramos. Uma faz um ramo com margaridas e me dá o ramo; a outra faz um ramo com flores. Qual o ramo que é maior?
3. Se eu te dou as margaridas, o que sobra no meu ramo?
4. Se eu te dou as flores, o que sobra no meu ramo?
5. Eu vou fazer um ramo com todas as margaridas e você vai fazer um ramo com todas as flores. Quem terá o ramo maior? Como você sabe?

### **IV. AVALIAÇÃO**

1- Nível 1 – Ausência da quantificação da inclusão, 5/6 anos. A criança se mostra incapaz de comparar o número e elementos de uma sub-classe com o de uma classe mais geral em que está incluída, procede sistematicamente à comparação das duas sub-classes e responde, então, que há mais margaridas do que flores. Quando se faz a pergunta: “mais margaridas do que o quê?”, geralmente responde: “Mais margaridas do que rosas. Neste nível as perguntas que recaem sobre a subtração das sub-classes dão lugar, às vezes, a fracassos. (perguntas 3 e 4)

**2- Nível 2 –** Conduas intermediárias: se observam poucas conduas intermediárias. Notam-se por parte da criança na pergunta: há mais margaridas ou mais flores? A criança, às vezes, responde: “é o mesmo”, justificando esta resposta com o argumento: “as margaridas também são flores!” Neste nível o avaliador contesta bem as perguntas 3 e 4.

**3- Nível 3 –** Solução da inclusão quantitativa, a partir de 7/8 anos. Todas as perguntas recebem repostas corretas, ainda que, às vezes, se observem dúvidas é estranheza no primeiro enunciado da pergunta 1.

### **COSNSERVAÇÃO- Quantidade de matéria**

**I. Material** – 2 massas de modelar com cores diferentes E DO MESMO COMPRIMENTO.

O objetivo é avaliar a maneira com que a criança distingue a quantidade de matéria em formas distintas.

**II. Procedimento** – Para entrarmos no universo da criança, utilizamos a massinha e montamos em duas bolas com cores diferentes, fazendo-a entender que possuem o mesmo tamanho.

**III. Administração-** Em seguida montamos uma bola em diversas figuras do dia a dia e perguntamos a criança onde tem mais ou qual é o maior. Exemplos: Chocolates, salsichas, pizzas, etc....

### **IV. Avaliação**

**1- Não conservativo** – 5 a 6 anos

A criança nega que a quantidade de massa continue igual, pois as formas são diferentes, não relacionando as situações.

**2- Intermediário**

As respostas não têm justificativas completas, mudando conforme as aplicações de cada prova.

**3- Conservativo** – a partir de 7 anos

Nesta etapa a criança possui uma percepção maior, tendo respostas mais concretas quanto à quantidade de matéria de cada figura.

## **CONSERVAÇÃO - de peso**

### **I. MATERIAL**

2 bolas de massa plástica de cores diferentes(as mesmas utilizadas na prova de conservação de quantidade de massa).

**OBS:** Não há necessidade, para a realização da prova, que exista uma balança concreta. Por isso nosso kit não a contém. Além disso, balanças de dois pratos já não fazem parte do universo significativo das novas gerações, na medida em que atualmente as balanças eletrônicas é que são utilizadas no comércio em geral.

**II. PROCEDIMENTO** - O examinador verifica se a criança conhece as relações de peso , usando as duas mãos , com objetos diversos (pedra, apontador, bolas de massa, etc.) e vai sempre perguntado se um objeto pesa mais do que o outro, o que acontece com a mão que o sustenta , etc... O examinador pede que a criança faça duas bolas que tenham o mesmo peso.

### **III. ADMINISTRAÇÃO**

**1ª Transformação:** O examinador transforma uma das bolas em salsicha e finge que iria pesá-las, falando: “Você pensa que a salsicha pesa a mesma coisa que a bola ou será que uma pesa mais que a outra? Como é que você sabe?”  
Contra- argumentação: O examinador provocará uma reação da criança, afirmando sempre o contrário de sua resposta. Falará como nas provas anteriores.  
Retorno empírico: O examinador procederá como nas provas anteriores

**2ª Transformação:** Transforma-se a mesma bola em uma mini pizza e procede-se como na 1ª transformação quanto à contra-argumentação e ao “retorno empírico”.

**3ª Transformação:** Fragmenta-se a mesma bola em 8 a 10 pedaços e procede-se

como nas outras transformações, realizando também a contra-argumentação e o “retorno empírico”.

## **CONSERVAÇÃO DE VOLUME**

Esta prova, indica que a criança pode estar na transição do Período Operatório Concreto para o formal.

### **I. MATERIAL:**

2 vidrinhos iguais com água até o mesmo nível (2/4) (os mesmos usados como controle na prova nº8); 2 bolas de massa plástica (as mesmas da prova nº4).

### **II. PROCEDIMENTO:**

O examinador leva o sujeito a constatar a igualdade no nível da água nos 2 vidrinhos. Pede que o sujeito faça duas bolas iguais, “que tenham a mesma quantidade...” “Como você pode fazer para ficarem com a mesma quantidade?”

### **III. ADMINISTRAÇÃO**

A seguir o examinador pergunta: “Se eu puser esta bola dentro do vidrinho o que acontecerá com a água que está aí dentro? “Por que você acha isso?” Insistir até obter algum tipo de resposta sobre o nível de água. Excepcionalmente se faz a comprovação empírica quando for absolutamente necessário para compreensão (vidro de comparação). Continuando: “E se pusermos esta outra bolinha no outro vidrinho será que a água subirá o mesmo que neste (o 1º de comparação)? Subirá mais ou subirá menos?”

**1ª Transformação:** O examinador transforma a segunda bola em salsicha, (linguiça) e esboça o gesto de introduzi-la no 2º vidrinho. “Se coloco neste, a água subirá a mesma coisa, mais ou menos que neste 1º? (o da bola)?”  
Na contra-argumentação: O examinador provocará uma reação afirmando sempre o contrário da resposta do sujeito. Falará como nas provas anteriores.

No Retorno Empírico, o examinador procederá como nas provas anteriores.

**2ª Transformação:** O examinador transforma a bola numa mini-pizza ou biscoito redondo e age do mesmo modo que na 1ª transformação até o retorno empírico.

**3ª Transformação:** O examinador fragmenta o “biscoito” em 8 ou 10 pedacinhos e esboça o gesto de colocar todos no 2º vidrinho, procedendo e falando como nas transformações anteriores até o retorno empírico.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas esses pedacinhos são mais que bola, você não acha que a água subiria mais que nesse copo?(copo demonstração) como você sabe?

Em caso de não conservação, lembrar a criança a igualdade de quantidade inicial: você se lembra como foram feitas as bolas e colocado o líquido dentro de cada copo antes?



## APÊNDICE J – CARTA DE APRESENTAÇÃO



**Faculdade  
Católica  
de Anápolis**

*Investindo em conhecimento e  
valorizando a pessoa humana*

Aut. Decr. 25/07/95  
Reconhecimento Renovado  
pela Portaria Ministerial  
Nº 589 de 06/09/06  
CNPJ : 00 772 442/0001-56  
Insc. Mun. 40111  
Rua 05, 580, Cidade Jardim  
CEP : 75080-730, Anápolis – GO  
Fone: 62 39431048 / 3943-3972  
Fax: 3321-1048

Digníssima(o) Senhora(o)

*Adeane Campos Alves Machado*

Diretora da Escola Municipal

*Belisária Corrêa Faria*

### Carta de Apresentação

Vimos pela presente solicitar de V. S. autorização para a aluna *Rosilene Alves de Oliveira* curso de Pós graduação Lato Sensu em Psicopedagogia elaborar e exercer atividade extracurriculares nesta Instituição de Ensino, a fim de que possa cumprir as horas exigidas para a realização do seu ESTAGIO SUPERVISIONADO como exigência para conclusão do Curso em questão, mantido pela FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS.

Com nossos antecipados agradecimentos, aproveitamos o ensejo para enviar-lhe nosso protesto de elevada estima e consideração nos colocamos a disposição para quaisquer informações que se façam necessárias.

Anápolis 14 de Maio de 2010.

*Marisa Róveda*  
Marisa Róveda  
Coordenação de pós-graduação